

Clube do Cidadão

Cultura e violência

O que é cultura? Inúmeras são as suas conceituações. É este um tema riquíssimo, com forte repercussão na vida prática, que merece um maior aprofundamento.

Vamos entender por cultura, deixando de lado outras definições, o resultado da instauração de valor, feita pelo homem, na natureza. É a produção humana que decorre da modificação do natural pela agregação de valores. Cultura não será, então, o produto de qualquer ação humana mas apenas daquela que valoriza, que insere um novo valor na natureza. Ao trabalhar a madeira construindo uma mesa e ao esculpi-la artisticamente, o homem faz um objeto cultural. Ao modificar-se a si mesmo pelo esporte e pelo aprimoramento do conhecimento, o homem faz cultura.

É possível a instauração de valor na natureza em geral, no outro ou em si mesmo. O próprio homem pode aculturar-se, valorizar-se pela incorporação de valores como agilidade, habilidade, conhecimento, amizade, honestidade, justiça etc. ...

Chega-se então à grande questão: como conciliar o multiculturalismo e o acatamento das diferenças com a avaliação do progresso das culturas?

É possível admitir a existência de culturas mais desenvolvidas, do que as outras ou são elas apenas diferentes?

Percebe-se que de diversas maneiras pode-se agregar valores à natureza. A produção humana pode manifestar-se de variados modos, em múltiplos estilos. Não há apenas uma maneira de construir-se a cultura nem mesmo pode-se considerar uma como ideal. No entanto, é bastante patente a existência de características mais ou menos adequadas à realização humana o que leva à busca de um critério que sirva para sua avaliação.

Platão ao relatar no seu "Protágoras" (Platão: Protágoras. Paris, Societé

d'Édition "Les Belles Lettres", 1967 pag. 321) o mito de Prometeu mostra que Zeus percebendo que a humanidade mesmo dotada da "sabedoria das artes" e do fogo, mas sem possuir a "sabedoria política", estava fadada a extinguir-se pois que os homens, quando se juntavam "justamente por carecerem dessa arte, causavam-se danos recíprocos com o que voltavam a dispersar-se e a serem destruídos como antes", ou seja, que a inteligência iria apenas levá-los a matarem-se uns aos outros com mais requinte e poder, manda que "Hermes leve aos homens o pudor e a justiça como primum

"(...) de pouco adianta o combate à violência com palavras, passeatas pela paz ou mais violência se permanecerem as suas causas"

cípio ordenador das cidades e laço de aproximação entre os homens". E acrescenta ainda que essas duas qualidades deveriam, diferentemente do conhecimento e da técnica, serem distribuídas igualmente por todos os homens "para que todos participem delas pois as cidades não poderão subsistir se o pudor e a justiça forem privilégio de poucos como se dá com as demais artes".

Teria sido assim, graças ao pudor entendido como respeito a si próprio e ao outro e à justiça como reconhecimento do direito de cada um ao que lhe é devido que a humanidade pode perpetua-se até os nossos dias.

A desvalorização da vida que começa na infância com a banalização da morte em jogos, filmes e notícias, a falta de respeito por si próprio e pelo outro tiram da vida qualquer sentido e geram a violência.

Por outro lado, a pouca conscientização da exigência da justiça leva à permissividade

e traz de volta a lei da selva, a lei do mais forte. Ao que parece, só por um esforço conjunto feito pelos agentes da educação: família, escola e pela mídia especialmente valorizando o respeito e a justiça como valores fundamentais pode-se minimizar a prática da violência.

Assim como a febre, a violência é sintoma de doença, e como de pouco adianta o combate à febre sem o tratamento do mal que a causa, de pouco adianta o combate à violência com palavras, passeatas pela paz ou com mais violência se permanecerem as suas causas.

O combate à violência faz-se pelo ensino sistemático, pela divulgação, pela valorização enfim do respeito e da justiça. Pela idéia do respeito pelo outro, pela família, pelo excluído, pelo doente, pela criança, pelo idoso.

É contraditório e ineficaz a condenação da violência e ao mesmo tempo a divulgação e a promoção do desrespeito e da injustiça. Combate-se o efeito sem combater-se a sua causa.

É imensa a responsabilidade da mídia na divulgação da violência. Sendo verdadeira a proposição que diz "falem mal mas falem de mim" como regra da propaganda, quanto mais espaço for dado à agressividade, à maldade e à doença mais serão elas difundidas.

As culturas, embora diversas, embora diferentes manifestações da produção humana, serão mais desenvolvidas e progressistas não pelo seu poderio bélico, pelo seu desenvolvimento tecnológico, pela renda per capita ou pelo nível de escolarização de seus habitantes, mas pela medida em que nelas são praticadas o respeito e a justiça.

A Grécia antiga, como sempre, continua a oferecer as sábia para os problemas da humanidade.

Vera Rudge Werneck
Membro do Clube do Cidadão

* Coordenadores se reúnem para aprimorar PVNC

Já são quase 200 os

projetos no Rio de Janeiro que preparam jovens carentes para os vestibulares. A PUC-Rio e outras três universidades privadas do estado têm programas para garantir a gratuidade de mensalidade aos alunos vindos desses cursos. Na sexta-feira 26 de outubro, foi organizado, no auditório da Pastoral Universitária, o primeiro Encontro de Coordenadores de Graduação da PUC com Coordenadores de Cursos Comunitários de Pré-Vestibular. Na reunião, coordenada pelo Vice-Reitor Comunitário, professor Augusto Sampaio, e pelo Coordenador do Núcleo de Comunicação Comunitária do Projeto Comunicar, professor Adair Rocha, os coordenadores foram apresentados e discutiram as principais dificuldades desses alunos.

Atualmente, a PUC paga bolsas a 453 alunos carentes vindos dos cursos comunitários, todos aprovados nos exames do vestibular. "O interessante deste programa é que todos os alunos que estão gozando do benefício entram pela porta da frente da PUC, que é o vestibular", destaca Augusto Sampaio. Não há sistema de cotas em funcionamento na Universidade, nem qualquer intenção de criá-lo.

O encontro foi aproveitado principalmente para a discussão de propostas de orientação pedagógica. Enquanto os coordenadores dos pré-vestibulares sugeriram o incentivo à participação dos alunos em projetos de pesquisa e iniciação científica, os professores dos departamentos levantaram a necessidade de es-

Participantes do encontro

NOME	DEPARTAMENTO
Maria Celeste Simões Marques	Direito
Vera Nojima	Artes e Design
Vera Cristina A. Bueno	Filosofia
José Carmelo Carvalho	Educação
Selma Rinaldi de Mattos	História
Augusto César Pinheiro da Silva	Geografia
Maria Paula Frota	Letras
Luiza Helena N. Ermel	Serviço Social
Rosa Vera Fernandes	Serviço Social
Alexandre Martins	Academia de Vestibular
Reinaldo José Gallo Junior	PVC Votor (Leblon)
Germana Pereira Amaral	PVC Cidadão 2001
Fábio F. de Araújo	PVC de Vila Aliança (Bangu)
Tatiana G. de Oliveira	PVC da Rocinha
Tiago Lessa Bastos Azeredo	PVC da Escola Parque (Gávea)
Maria Christina Nioac de Salles	Êxito - Teresiano
Danielle Colares da Silva	PVNC da Igreja Santo Eugênio (Realengo)
Juçara Chaves de Carvalho	PVNC de Coelho da Rocha
Cristiane Firmino	PVC Sonhar Não Custa Nada (Leme)
Léa Sousa da Silva	Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré
Lourenço Cezar da Silva	CEASM (Jacarezinho)
Luana Ferreira Pereira	PVNC Anil (Jacarepaguá)
Adriano Rodrigues Gonçalves	
Pe. Geraldo Marques Raimundo	PV Alternativo e Comunitário - Sofredisa
Cleoneide Sousa Vieira	PV para Comunidades Carentes Sonho Cidadão
Fernando Pinheiro da Silva	PVNC (Piabetá)
Pedro Carpenter Genesio	Curso Invest - Santo Inácio (Botafogo)
Márcio Couto	
Hellenice B. de Serra	
Lélia Regina S. Barbosa	PV Rancho Novo
Rita de Cássia C. de Carvalho	PVNC Curumim Palmares
Marlene Corrêa Jorge	
Andreia de M. F. A. da Silva	PVNC Cidade de Deus (Jacarepaguá)
Cilene Regina Vieira da Cruz	
Márcio Flávio	PVC Novo Estímulo
Simone Baptista	
Frei David Raimundo Santos	Educafro
Fábio Luiz da S. Mendes	
Sergio Bonato	FESP - Pastoral Universitária
Adair Rocha	Núcleo de Comunicação Comunitária
Augusto Sampaio	Vice-Reitor Comunitário

tabelecer critérios coerentes de cargas horárias e estímulos ao envolvimento dos alunos com as atividades da Universidade.

Frei David Santos é um dos idealizadores dos pré-vestibulares comunitários. Ele afirma que os alunos correspondem com boas notas. "Há uma avaliação periódica do desempenho acadêmico deles. Para nossa alegria, 80% estão acima da média dos

pagantes da Universidade."

Apesar da motivação e dos incentivos, boa parte dos alunos encontra dificuldades em se manter estudando, especialmente pelos gastos com transporte, alimentação e xerox. Para tentar amenizar a situação, a Pastoral Universitária criou o Fundo Emergencial de Solidariedade da PUC-Rio (Fesp), que atende a 200 alunos com as doações de professores, funcionários, alunos e empresas.

Os participantes do encontro ressaltaram a posição de vanguarda da PUC na reflexão da realidade social do Brasil. Segundo Augusto Sampaio, o nível de assistência desse programa justifica o caráter filantrópico da Universidade. Ele vai marcar uma reunião com os coordenadores de graduação e um novo encontro com os coordenadores dos núcleos comunitários, para dar continuidade ao processo de interação com os núcleos.

Núcleo para Comunicação Comunitária

O Núcleo de Comunicação Comunitária do Projeto Comunicar foi criado para dar visibilidade aos projetos comunitários desenvolvidos na PUC e monitorar a criação e a manutenção de sistemas de comunicação de comunidades carentes. Coordenado pelo professor Adair Rocha, o núcleo está oficialmente instalado desde agosto, aguardando apenas o término das obras de seu espaço físico para iniciar o processo de seleção de estagiários. Segundo o professor, a democratização da informação faz parte do âmbito educacional. "O acesso à educação e às políticas públicas são um direito que as pessoas têm de se tornar cidadãos", diz Rocha.

Incubada lança no mercado dispositivo para celular

A nTime Mobile Solutions, empresa residente na Incubadora Gênesis PUC-Rio, apresentou um produto que está prestes a ser lançado no mercado. O Mobile DeskTop — dispositivo que permite manipular arquivos de computadores através de celular — está sendo testado pela Telesp Celular, para entrar em operação possivelmente em janeiro de 2002.

O produto foi apresentado em setembro na Telexpo Wireless, em São Paulo. Lá foram feitas demonstrações de como ele pode, a custos baixos de implantação e uso, reduzir gastos com deslocamentos e tempo ocioso dos funcionários.

O diretor de Marketing da nTime, Eduardo Bernardes de Carvalho, ex-aluno da PUC, disse

que o Mobile DeskTop agiliza o envio de mensagens por e-mail e fax, utilizando apenas um telefone móvel e um computador conectado à internet.



Bernardes é diretor de Marketing

— O Mobile DeskTop é um produto simples feito para atender a uma necessidade real. O usuário custa a visualizar o benefício, mas, toda vez que está na

rua e esquece algo, ele sente falta deste produto — diz, convicto, Bernardes.

O protótipo do produto está sendo incrementado para chegar à versão disponível aos consumidores. Entretanto, já é mais completo que os oferecidos pela concorrência. O Mobile DeskTop apresenta sempre um diferencial, como o envio de fax ou a leitura de documentos na tela. Porém, seus principais atrativos para os operadores são a compatibilidade com outros produtos concorrentes e a facilidade da instalação.

— O nosso produto dá uma aplicação útil à internet móvel. A idéia surgiu de uma necessidade nossa, de quando ainda éramos alunos — acrescenta Bernardes.

Dar ao aluno a oportunidade de discutir questões atuais do país, como as medidas provisórias, a supremacia da Constituição e ainda debater sobre o papel do estudante de Direito. Este foi o objetivo do Seminário de Princípios Constitucionais, que teve lugar na Universidade, de 25 a 28 de setembro.

Organizado pelo Centro Acadêmico Eduardo Lustosa (Cael), dos alunos de Direito, com apoio do Depar-

tamento de Direito e do Decanato do Centro de Ciências Sociais (CCS), o seminário enfocou o



Pedro Acyr

direito constitucional brasileiro

ro e reuniu 200 pessoas, em média, por dia.

Nos três primeiros dias, as palestras foram realizadas no auditório do RDC e, no último dia, a palestra do jurista Dalmo de Abreu Dallari (foto ao lado) foi transferida para os pilotis da Ala Kennedy do Edifício da Amizade devido à grande procura. O professor da Universidade de São Paulo (USP) falou para os pilotis lotados.

Todas as faces da pessoa e da mensagem de Jesus

Ao observar a quantidade de livros e outras publicações referentes à figura de Cristo lotando as prateleiras das livrarias, o Diretor do Departamento de Teologia, padre Mário de França Miranda, S.J., escolheu o tema da Semana Teológica: A Pessoa e a Mensagem de Jesus. Entre os dias 29 e 31 de outubro, alunos e professores de Teologia e de outros cursos, bem como leigos, religiosos, seminaristas e até representantes de outros credos lotaram os auditórios em que

ocorreram as conferências e comunicações para saber mais sobre Jesus Cristo.

No folheto de programação da Semana Teológica está o versículo, extraído do Evangelho de São Marcos: "Quem diz que eu sou?". Quando Jesus faz esta pergunta a seus discípulos, obtém como resposta: "Uns dizem que és João Batista, outros que és Elias, outros que és um dos profetas". Na sequência, Cristo pergunta quem eles acham que Ele é, e Pedro responde: "Tu és o Messias". A Semana Teológica buscou mostrar o que de fato a fé cristã nos diz sobre Jesus.

Como Cristo continua sendo referência nos dias de hoje, esse questionamento sobre quem ele é persiste.

De acordo com padre França, há muitos anos uma Semana Teológica era realizada em Petrópolis e, a partir desta, muitas semanas teológicas foram

sendo organizadas por todo o país, principalmente nas cidades onde havia um Instituto Teológico. Todas seguiam, geralmente, o mesmo molde: três dias de reflexão sobre um tema específico. Então, esta Semana Teológica está resgatando a tradição histórica da Semana que se realizava em Petrópolis. No ano passado, a parceria entre o Departamento de Teologia da PUC e o Instituto Franciscano de Teologia levou estudiosos até à cidade imperial para refletir sobre Inculturação da Fé. Este ano, a PUC sediou o encontro que teve Jesus Cristo como tema. No próximo ano, a Semana Teológica voltará a Petrópolis, e assim sucessivamente.

A metodologia de organização desta Semana foi a mesma do ano passado. Os temas das palestras foram escolhidos pelos organizadores respeitando a especialidade de cada palestrante e foram divididos em conferências – uma em cada dia, na parte da manhã – e comunicações – três – que aconteciam simultaneamente na parte da tarde.

"Primeiro pensamos nos alunos da PUC, mas, como recebemos pedidos de paróquias com pessoas interessadas em participar, resolvemos abrir", explicou padre França. Com essa abertura, alguns participantes vieram em caravanas de outros municípios, como os 45 estudantes de teologia de Petrópolis,

e até de outros estados, como Minas Gerais. A Semana também teve um alcance ecumênico, contando com a presença de pastores e alunos do seminário presbiteriano. Para atender a esse público tão diversificado, os organizadores tentaram fazer com que o tema não fosse tratado com uma linguagem excessivamente acadêmica. Assim, principalmente os alunos de outros cursos, poderiam saber mais sobre Teologia, reforçando o diálogo interdisciplinar.

A idéia deu certo. Alguns professores, que lecionam as matérias de cultura religiosa em outros departamentos da PUC, sugeriram aos seus alunos que assistissem às palestras. Como resultado, os auditórios ficaram lotados. Para a conferência sobre *Tendências da Cristologia Atual*, proferida pelo professor Alfonso Garcia Rubio, por exemplo, mais cadeiras foram colocadas no auditório do RDC e, por fim, um telão foi colocado do lado de fora para os participantes que não conseguiram entrar. Nas comunicações realizadas durante a tarde, a situação não foi muito diferente e, mesmo com as palestras se realizando simultaneamente, todas as salas estavam lotadas. E o público não teve "peso" apenas com sua presença; também foi grande a participação com perguntas após as exposições orais.



Professor Garcia Rubio (ao fundo) e frei Nilo Agosatini na palestra sobre Cristologia

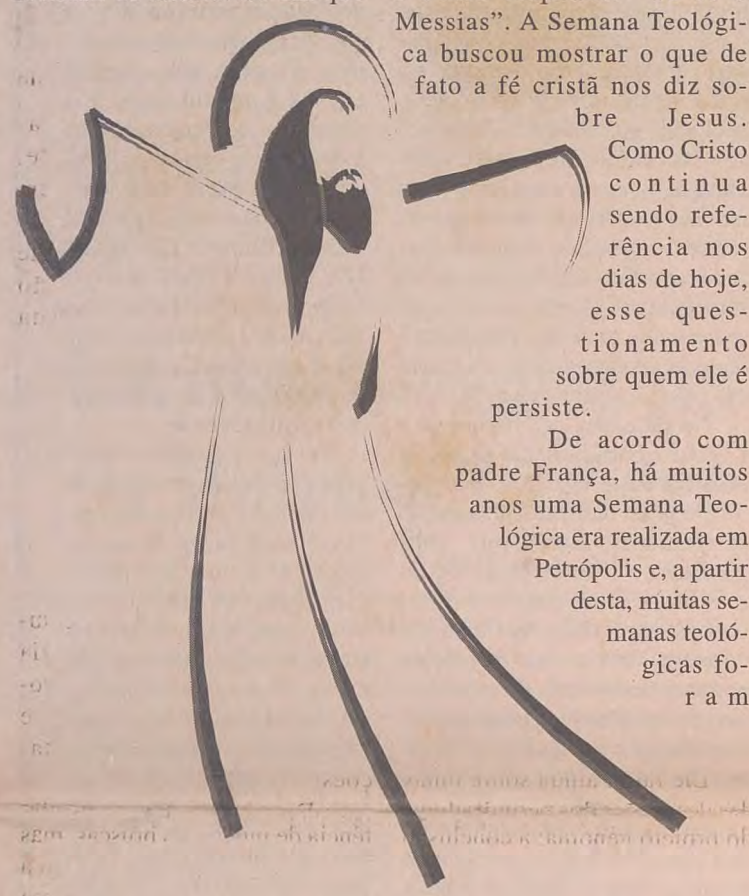
Os temas das palestras buscaram apresentar o que Cristo disse com a sua pessoa e a sua mensagem. Assim, os palestrantes trataram a figura de Jesus Cristo, a partir do Novo Testamento, da Vivência da Ética, de suas raízes judaicas, da prática da não-violência, das mulheres, etc. Lina Boff, professora do Departamento de Teologia, por exemplo, falou sobre Jesus Cristo e a crença na reencarnação. Em sua exposição ela dissertou sobre a fé na Ressurreição e a plenitude da graça de Cristo e, ao mencionar a forma como outras religiões abordam a reencarnação, lembrou: "Não se trata de julgar, mas de colocar nosso juízo com cautela e com respeito porque todos nós queremos ser salvos".

Já o frei Ludovico Garmus, do Instituto Franciscano de Teologia, centrou sua exposição em Jesus Cristo, seus milagres e curas, acentuando como o ser humano lida com os milagres: "O milagre é uma interpretação. Algo de maravilhoso que aconteceu para uma pessoa e que nem sempre é sobrenatural". Ele lembrou ain-

da como o simples fato de não sofrer um acidente pode ser interpretado como um milagre: "Você escapou de um acidente. Quem diz que não foi um milagre? Se fosse uns centímetros a mais ou uns segundos depois..."

Padre França diz estar satisfeito com o resultado da Semana, que serviu também ao propósito de o Departamento de Teologia marcar sua presença dentro da Universidade, principalmente por ser a PUC uma universidade católica. "O Departamento de Teologia tinha que sair da toca", acentuou, acrescentando que a sua gestão está procurando abrir o Departamento de Teologia para a Universidade e criar espaço para comunicar a dimensão religiosa que o ser humano tem e busca.

Está programado, até o fim do ano, o lançamento de um livro que reunirá o conteúdo das palestras e as orientações bibliográficas. O mesmo foi feito na Semana Teológica do ano passado, que resultou em um livro publicado pela Editora Vozes.



Trajetória de Santo Inácio lembrada durante Semana

Jorge Paulo



Padre Ramón falou sobre Santo Inácio

De nobre basco a peregrino jesuíta. A vida do cavaleiro das tropas espanholas, que abdicou dos prazeres da corte para seguir a Cristo, ganhou uma semana na PUC, dedicada à sua trajetória. Promovida entre os dias 24 e 26 de outubro, pelo Centro de Pastoral Anchieta, a Semana Inaciana homenageou Inácio de Loyola, que fundou a Companhia de Jesus e foi canonizado em 1622.

Na palestra *Inácio, um homem para o mundo Universitário*, que fez parte da programação da semana, o padre Ramón de la Cigona contou parte da história do santo, destacando o período em que ele se dedicou aos estudos:

– Depois de estudar em Bar-

celona, Alcalá e Salamanca, Inácio foi para a Universidade de Sorborne, em Paris. A experiência que Loyola teve com Deus e na universidade aproximou-o das boas ações e afastou sua sensibilidade negativa, disse o padre português.

Durante os anos de estudo, em que completou mestrados em Filosofia e Teologia, Inácio se uniu a outros companheiros que admiravam seu projeto de vida de ajudar a outras pessoas. Com esse propósito, eles fundaram a Companhia de Jesus e se dispuseram a peregrinar por todo o mundo disseminando a palavra de Deus.

– A Companhia de Jesus só foi reconhecida pela Igreja em 1540, quando os votos de obediência dos companheiros foram aceitos em Roma pelo Papa. A idéia deles não era de fundar uma ordem religiosa, mas apenas de se colocar à disposição do Papa para desenvolver missões em qualquer parte do mundo, explicou o Reitor, padre Jesús Hortal Sánchez.

Dentro da Semana, nos pilotis do Edifício da Amizade, a mostra *Inácio: fases e fases* teve o objetivo de revelar o aspecto humano do santo.

No local, foram expostos cartazes com reproduções de pinturas, esculturas, ícones e vitrais que representam momentos importantes da vida de Santo Inácio. Alguns deles continham frases retiradas dos *Exercícios Espirituais das Constituições da Companhia de Jesus* e das cartas de Santo Inácio.

Em missa, realizada na capela, para encerrar a Semana Inaciana, na sexta-feira, 26 de outubro, estavam presentes sacerdotes que atuam na PUC do Rio, bem como de outros estados. Durante a homilia, o padre Paul Schweitzer ressaltou a necessidade do Discernimento dos Espíritos, ensinado por Santo Inácio, para saber tomar decisões nos confusos dias atuais. "Através dos exercícios espirituais inacianos, chegamos à paz interior e à certeza de que Deus está conosco", completou.

Um coquetel de confraternização foi realizado, a seguir, no Salão Anchieta, na Pastoral. O padre Manuel Angel Suarez, S.J., conhecido como padre Xu, resumiu a Semana Inaciana:

– Foi muito importante para que os jovens vejam o que nós, jesuítas, fazemos na PUC e para que aprendam sobre a vida de Santo Inácio, um homem que nasceu e morreu dentro de uma universidade.



Sérgio Bonato ensina semelhanças entre as três grandes religiões monoteístas a crianças de escolas públicas

A Bíblia, o Corão e a Torá se encontram na paz

Paz, Shalom, Salam – Semana da Bíblia. De 25 a 27 de setembro, os pilotis da Ala Kennedy da PUC-Rio foram palco da integração entre as três grandes religiões monoteístas: Cristianismo, Judaísmo e Islamismo. De acordo com o coordenador do evento, professor Sérgio Bonato, a escolha do tema se deu em virtude dos atendidos do dia 11 de setembro. Segundo ele, muitas pessoas utilizam a palavra religiosa para

fundamentar a guerra, mas, na verdade, o sentido dessa palavra é deturpado, pois ela é baseada na paz.

Para mostrar a semelhança entre os ensinamentos dessas religiões, foram espalhados cartazes com trechos da Torá, judaica, do Corão, islâmico, e da Bíblia, católica. Cerca de 200 crianças de colégios convidados pela Pastoral fizeram desenhos sobre sua visão de paz. Os trabalhos foram expostos

em monumentos dedicados a Abraão, ponto de união entre as três manifestações religiosas. Símbolos cristãos, judaicos e islâmicos que remetem à paz também foram utilizados na decoração.

O mês de setembro é, tradicionalmente, dedicado pela Igreja Católica à Bíblia. A celebração na PUC é organizada pela Pastoral e recebe o apoio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.



Daniel Leitão, Renata Nahon, Viviane Delvaux e Úrsula Marini em congresso sobre liderança e cidadania nos EUA

Congresso reúne nos EUA universitários de 11 países

Estudantes de onze países do continente americano se reuniram em um congresso em Fort Worth, no Texas, nos Estados Unidos, para discutir liderança e cidadania na sociedade civil. Os alunos de graduação Daniel Leitão (Direito), Renata Nahon (Psicologia), Úrsula Marini (Jornalismo) e Viviane Delvaux (Engenharia de Materiais) foram representar a PUC-Rio no American Airlines Leadership for the Americas Program entre os dias 8 e 12 de outubro.

O encontro, organizado e bancado pela companhia aérea dos EUA, foi a segunda edição do congresso e a primeira com a participação brasileira — a PUC foi a única universidade do país convidada. Os alunos — que viajaram acompanhados pelo professor André Lacombe, Coordenador Setorial de Graduação do Centro de Ciências Sociais (CCS) — foram incumbidos de pesquisar os temas Ciência e Tecnologia, Educação, Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente e apresentá-los nos debates que ocorreram no congresso.

O programa busca levantar diagnósticos e possíveis soluções para problemas comuns às sociedades dos países par-

ticipantes. O objetivo central é desenvolver a capacidade de liderança e promover a interação entre os alunos presentes, de modo a instigá-los a terem iniciativas que não têm sido tomadas pelos governos.

Durante o encontro, os alunos participaram de discussões específicas de seus respectivos temas e assistiram às apresentações elaboradas por cada país. Além disso, eventos especiais, como a noite em que estiveram presentes quatro ganhadores do prêmio Nobel da Paz, contribuíram para a conscientização dos estudantes da importância do envolvimento com os problemas das suas comunidades. No final do congresso, cada grupo escreveu um documento com as conclusões a que chegou e propostas de ações práticas.

Úrsula Marini acha positiva a realização de um congresso com o nível de profundidade e investimento deste. “Independente dos interesses que a American Airlines tenha, ela está ajudando muito a formar uma consciência crítica nos alunos”, diz ela.

Segundo Viviane Delvaux, o encontro foi muito produtivo para incentivar a iniciativa das pessoas. “Antes de pen-

sar em ser líder, você tem que abandonar aquele comportamento passivo de esperar que o governo faça tudo e pensar o que você mesmo pode fazer”.

A Organização das Nações Unidas (ONU) reconhece o Brasil como o país que tem o maior número de voluntários do mundo. “As universidades, as escolas e toda a comunidade têm o papel de ajudar. Há muita gente participando, consciente de que o Estado sozinho não consegue resolver os problemas”, diz Renata Nahon.

Os alunos participantes consideraram o congresso uma experiência única e exemplar das singularidades da vida universitária. Para Daniel Leitão “é lamentável que as pessoas não gozem das oportunidades que são oferecidas e é desses encontros fortuitos que a universidade proporciona que surgem grandes experiências de vida, profissionais e acadêmicas”.

A terceira edição do congresso será em Caracas, na Venezuela, em outubro de 2002. “Como se falou muito em distribuição de renda, estou apostando que o próximo encontro tenha como tema geral o problema da redução de pobreza”, afirma o professor Lacombe.

Curso de Administração no Provão: 5 vezes A

Receber conceito A em uma avaliação é o que todos almejam. Melhor ainda é tirar A cinco vezes consecutivas. Foi o que aconteceu com o curso de graduação em Administração da PUC-Rio no resultado dos exames nacionais de cursos (Provão) de 1996, 97, 98, 99 e 2000. Reconhecendo a qualidade do curso e o ótimo desempenho dos alunos, o Conselho Regional de Administração (CRA/RJ), representado pelo diretor executivo Leonardo Fuerth, esteve na PUC no dia 11 de outubro para entregar o Diploma de Honra ao Mérito 5As.

Ao passar o diploma às mãos do Reitor, padre Jesús Hortal Sánchez, S.J., Leonardo enfatizou a relação de proximidade que o CRA tem com a Universidade há cerca de 15 anos:

— É um prazer para o Conselho fazer essa entrega à PUC. Nós sempre a encontramos de portas abertas, como uma parceira, para apoiar nossos eventos.

A cerimônia, realizada na Sala do Conselho Universitário, também contou com a presença de representantes dos professores, alunos e funcionários do Depar-

Qualidade do curso e desempenho de alunos são reconhecidos com Diploma de Honra ao Mérito

tamento de Administração. Para mostrar que esse foi o resultado de um trabalho de equipe, o diploma foi repassado a Paulo Cesar Motta, diretor, depois a Hélène Bertrand, coordenadora, e finalmente à secretária Lenita Viegas Vieira, como uma home-

nagem aos seus 25 anos de trabalhos na PUC. “Parece até uma corrida de bastão, sendo passado de mão em mão”, brincou o diretor do CRA.

Paulo Cesar Motta destacou a capacidade que a Universidade tem de atrair excelentes estudantes, e Hélène Bertrand demonstrou o desejo de “manter a atuação afetiva com os alunos sem perder a essência e a exigência acadêmica”.

— Se não fosse o ótimo trabalho de todos, aliado ao esforço e à dedicação dos alunos, ao longo desse período, nós não conseguiríamos chegar a esse ponto — acrescentou a coordenadora.

No Rio de Janeiro, o curso da PUC, composto por aproximadamente 1.400 alunos e 120 professores, foi o único a receber o diploma de Administração. O resultado do Provão deste ano, realizado em julho, deve sair no início de dezembro.

AaA

PUC·RIO

Associação dos Antigos Alunos da PUC • RIO

Presidente: Paulo Eugênio de Niemeyer
Vice-Presidentes: André Luiz Bekenn e Maurício de Carvalho Moreira
Conselho Consultivo: Antônio Carlos Biscaia, Denise Frossard, Galeno Martins de Almeida, João Sérgio Marinho Nunes, Márcio Fortes, Marisa Nascimento Silva Pimenta-Bueno, Nelson Janot Marinho, padre Pedro Guimarães Ferreira, Sérgio Quintella, Thomás Tosta de Sá.
Assistente Eclesiástico: padre Pedro Guimarães Ferreira.
Coordenador de Eventos: Ricardo Lucas.
Secretários: Aroldo Hage Nicolau Junior e Edna Hargreaves.
AAA/PUC-Rio: Rua Marquês de São Vicente, 225, Edifício Padre Leonel Franca, 8º andar, Gávea, Rio de Janeiro, tels.: 529-9488 ou 512-4048.

Armínio Fraga abre I Venture Forum

O I Venture Forum AAA/PUC-Rio foi realizado no dia 8 de outubro, no auditório do RDC, no campus da Universidade. O evento reuniu centenas de empresários, entre eles, vários antigos alunos, interessados em conhecer melhor o Programa de Formação de Empreendedores da PUC-Rio, as empresas incubadas e as formas de investir ou dar apoio a essas empresas. Marcou, portanto, o início da Aliança Empreendedora Gênesis, estabelecida entre a Associação dos Antigos Alunos (AAA/PUC-Rio) e o Instituto Gênesis. A aliança visa promover o desenvolvimento sócio-econômico do Estado do Rio de Janeiro, ao estimular as iniciativas e projetos das empresas incubadas.

O reitor da PUC, padre Jesús Hortal Sánchez, S.J., deu início aos trabalhos e, em seguida, o presidente do Banco Central, Armínio Fraga Neto (ECO/79), proferiu a palestra de abertura. Para ele, o capital de risco, o empreendedorismo e a criatividade empresarial são aspectos comuns à nossa cultura e à nossa personalidade. Apesar disso, na sua opinião, ainda não houve o desenvolvimento esperado na área.

“Esse evento representa uma idéia certa, na hora certa, no lugar certo”, afirmou Fraga. Ele destacou que o Venture Fórum é uma iniciativa da maior importância para a economia brasileira e revela o olhar de quem pensa a longo prazo e está disposto a investir no país. O presidente do BC reconheceu que é difícil parar para refletir sobre investimentos em mercado de capital de risco, em um momento de sucessivas crises econômicas. Para ele, no entanto, a crise é conjuntural e vai passar: “Por baixo dessa superfície turbulenta já se enxerga um movimento subterrâneo promissor de produtividade”, concluiu.

Armínio Fraga lembrou, também, que toda revolução de produtividade vivida no mundo, e agora, em particular, no Brasil, tem boa parte de suas raízes fincadas no binômio educação/novas tecnologias. A nova economia, ou seja, a economia moderna ligada ao capital de risco, representa um salto de produtividade e de desenvolvimento. Segundo ele, deve-se oferecer proteção para quem investe em pesquisa e em idéias inovadoras.

Para o presidente da AAA, Paulo Eugênio de Niemeyer (CIV/58), as empresas nascen-

tes têm base tecnológica consistente, mas se deparam com o desafio de enfrentar o mercado e a realidade social. A diretoria da Associação dos Antigos Alunos é sensível a esse problema e acredita que os jovens empreendedores não necessitam apenas de investimento financeiro. Segundo ele, fornecer conhecimento é uma ajuda incalculável: “Se os jovens souberem e se os velhos puderem”, afirmou, citando um provérbio francês para ilustrar a situação.

No entender de Niemeyer, o I Venture Forum foi um marco na história da AAA. Com o evento, ela pôde realizar sua vocação de manter o vínculo entre antigo aluno e Universidade. A tarefa não é fácil, uma vez que a tradição burocrática brasileira não coopera com as inovações no empreendedorismo. Para ele, os sacrifícios valem a pena: os investidores e antigos alunos interessados têm uma oportunidade única de contribuir com o crescimento do país. Niemeyer encerrou sua fala, lembrando os versos da música: “Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”.

O evento, direcionado à comunidade da Indústria de Capital de Risco, teve as apresentações de três empreendimentos incubados no Instituto Gênesis, além das palestras de pessoas ligadas ao meio empresarial e governamental.

Os antigos alunos Thomás Tosta de Sá (MEC/62), sócio-diretor da Mercatto Gestão de Recursos, e Márcio Fortes (CIV/67), deputado federal, falaram sobre o crescimento da indústria de capital de risco, de sua importância para a economia mundial, e das vantagens de se investir nesse tipo de negócio. José Alberto Aranha (IAG/78) apresentou o Instituto Gênesis e o projeto das incubadoras, cujo sucesso se reflete nos prêmios recebidos nos últimos anos. Por fim, diretores de empresas graduadas e empresas incubadas descreveram seus projetos, seus negócios e sua área de atuação.

Empresas incubadas destacaram a importância do evento

O I Venture Forum AAA/PUC-Rio apresentou cinco empresas ligadas ao Instituto Gênesis que estão em diferentes estágios de desenvolvimento. As incubadas Lumis, Instructional Design e GaveaTech e as graduadas Choice e Pipe Way explicaram seus planos de negócio. Elas direcionaram sua exposição para investidores interessados na Indústria de Capital de Risco, público-alvo do evento.

A Instructional Design (ID), dirigida pelas antigas alunas Andrea Cecília Ramal (EDU/95) e Silvana Ramal (ADM/94), baseia seus negócios na área de

projetos educacionais e na capacitação profissional, utilizando, para isso, novas mídias e tecnologias. Ela planeja e estrutura cursos a distância, gerencia projetos culturais e faz a redação de roteiros para hipertextos e vídeos. Entre os clientes da ID, estão a PUC-Rio, a Embratel, a TV Futura e o SENAI. Ela conta ainda com a parceria da Choice e da GaveaTech, duas empresas da família Gênesis.

A Lumis tem como objetivo melhorar a troca de informações entre as empresas e suas redes de negócios. Seu serviço é apresentar soluções de portais corporativos de intranet, extranet e Internet aos clientes. O diretor da Lumis, André Matos, avaliou positivamente a atuação de sua empresa, que tem menos de um ano de existência, no evento. “Sem dúvida, foi bastante interessante. Acabamos de entrar na Incubadora e tivemos uma excelente exposição no Venture Forum”, comentou.

Para Matos, o Venture Forum foi uma oportunidade ímpar de falar com um grande número de empresários. O apoio da AAA/PUC às empresas nascentes é, para ele, fundamental. A aliança entre Instituto Gênesis e Associação dos Antigos Alunos dá esperanças para se conseguir os investidores anjos, maior necessidade das empresas incubadas.

A GaveaTech montou um estande para apresentar suas soluções para internet. Ela produz infra-estrutura de software e oferece ferramentas de trabalho para clientes interessados em expandir seus negócios na web. Marcelo Blois (INFO/98), diretor da empresa, destacou a carência de contatos profissionais por parte das empresas que estão começando.

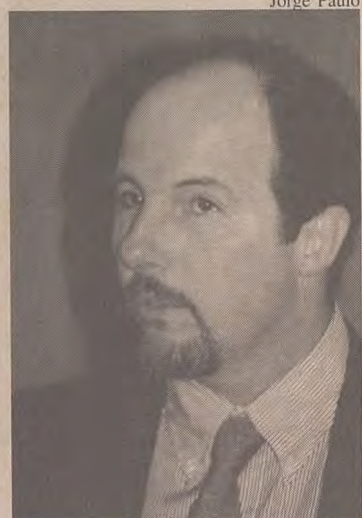
As empresas graduadas Pipe Way e Choice também tiveram participação durante o fórum. A Pipe Way, que ganhou o Prêmio Empresa do Ano 2000, trabalha há dez anos em conjunto com o Centro de Pesquisas da Petrobrás. Ela oferece produtos e serviços no setor de óleo e gás, com enfoque na área de inspeção de dutos. Já a Choice, homenageada no Venture Forum, é a única empresa brasileira completamente voltada para o estudo, desenvolvimento e implantação de soluções de *Business Intelligence*. Entre os seus clientes, há empresas como a Telemar, a Embratel e a Xerox.

Associação de ex-alunos debateu capital de risco

Para provar que o investimento de risco é um excelente negócio, foi realizado, dia 8 de outubro, o primeiro Venture Forum AAA PUC-Rio. O encontro, promovido pela Aliança Empreendedora Gênesis, teve como principal atração a presença do presidente do Banco Central, Arminio Fraga Neto. O Venture Forum reuniu alguns dos maiores entendidos em capital de risco do Brasil, alunos que se aventuram no ramo empreendedor, e possíveis investidores, para fazer da PUC um ponto de convergência desses interesses.

Arminio Fraga participou da mesa de abertura, na qual também estavam o Reitor da PUC-Rio, padre Jesus Hortal Sanchez, S.J., o Vice-Reitor, padre Pedro Magalhães Guimarães Ferreira, S.J., Paulo Eugênio de Niemeyer, presidente da AAA PUC-Rio, e Thomás Tosta de Sá, sócio-diretor da Mercatto Gestão de Recursos e presidente da co-

missão organizadora. O presidente do Banco Central ressaltou a importância do capital de risco para o desenvolvimento do país, mas sem abandonar um



Arminio Fraga: "Transparência e ética no mercado são fundamentais"

conceito importante: "A transparência e a ética no mercado são fundamentais", destacou. Mais tarde, Rudolph Höhn,

membro do Conselho de Desenvolvimento da PUC-Rio, e representantes das empresas nTime, Lumis e Pipeway, formadas na incubadora, expuseram suas histórias de sucesso, mostrando como idéias que nascem pequenas podem dar muito lucro através da aliança entre as idéias dos jovens e a experiência dos conselheiros sêniores.

Ao final do dia, com seus estandes posicionados próximos ao auditório, pessoas ligadas às empresas novas puderam interagir com o público. Marcelo Salles, ex-aluno da PUC e sócio-diretor da nTime, demonstrou sua satisfação com o primeiro Venture Forum:

— O Forum foi uma verdadeira vitrine, nos deu a oportunidade de exposição do nosso trabalho para a nata dos executivos. Em encontros como esse é que se alcança um grande negócio.

Mais detalhes na coluna da AAPUC.

Incubadora faz parceria com a Babson College dos EUA

Os 500 alunos de empreendedorismo da PUC-Rio puderam assistir, no dia 12 de setembro, a uma palestra de um dos maiores entendidos no assunto, o americano Scott Tiffin. Ele é coordenador do Institute of Latin American Business (ILAB), uma unidade de da faculdade americana de negócios Babson College, que, segundo Scott, "pretende levar Boston à América Latina". Ele falou para uma pequena e seleta platéia sobre a parceria entre o Instituto Gênesis e o Institute of Latin American Business, no auditório da incubadora de empresas da PUC.

Scott disse que a parceria envolve o intercâmbio de estudantes e empreendedores das duas instituições, com o desenvolvimento de atividades de consultoria e pesquisa. E não faltam exemplos. A empresa Easy CAE, criada na Incuba-

dora Gênesis, enviou um de seus sócios à Babson para fazer um curso de MBA (Master on Business Administration), há dois meses. Duas empresas incubadas estão tendo consultoria profissional de estudantes de MBA da Babson, entre elas a Choice, que dispõe do serviço, gratuitamente, por um ano.

— Se você quiser saber o futuro do empreendedorismo no Brasil, é só olhar para a PUC, disse Scott, pivô da cooperação informal entre a Universidade e a Babson, que já dura um ano.

A Babson College fica em Boston, perto de Harvard e do MIT (Massachusetts Institute of Technology), em uma das maiores concentrações de universidades dos EUA. A Babson College tem 3.500 estudantes de negócios e destaca-se na área de empreendedorismo,

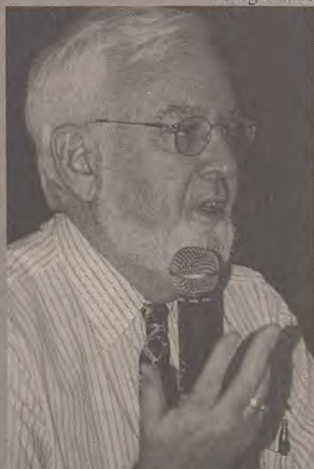
embora não possua uma incubadora de empresas. Segundo Scott, a razão para isso é que os americanos já têm estrutura para projetos empreendedores.

— Queremos unir a excelência do conhecimento científico e tecnológico da PUC com a experiência da Babson em empreendedorismo, afirma Antônio José Junqueira Botelho, um dos coordenadores do Núcleo de Estudos e Pesquisas (NEP) do Instituto Gênesis.

A união parece ter futuro. Já há um projeto de educação executiva e de treinamento de professores que seria oferecido gratuitamente pela Babson à PUC. "Seria muito caro para jovens empreendedores ou para pequenas empresas pagar um treinamento na Babson College", observou Scott Tiffin.

Liderança compartilhada

Jorge Paulo



Cohen definiu o líder ideal

Um dos maiores especialistas na área de liderança e negociação organizacional esteve na PUC-Rio para uma conferência. Allan Cohen, professor da Babson College, referência mundial no ensino de empreendedorismo, apresentou quatro palestras nos dias 31 de outubro e 1 de novembro. O encontro fez

parte da parceria entre o Instituto Gênesis e o Institute of Latin American Business.

No seminário Liderança Compartilhada, realizado no dia 31, Cohen enfocou a relevância do espírito de liderança para o sucesso dos negócios no mercado atual. Segundo ele, o líder não deve centralizar as decisões, mas dividir as responsabilidades com sua equipe. "O líder deve conhecer seu time, saber quais são seus interesses", ressaltou o professor.

O tom bem-humorado do americano e as histórias ilustrativas deram leveza à palestra, apresentada em inglês. Houve interação com a platéia, que participou com perguntas. Uma das questões levantadas pelos participantes foi a eficiência do ensino empreendedor nas universidades. De acordo com Cohen, "uma boa educação voltada para os negócios é a que alia o conhecimento teórico, a experiência e a organização".

Allan Cohen, autor de *Transforming organizations through shared leadership*, considerado o melhor livro sobre liderança pela Management General Website, em 1998, apresentou, no dia 1, uma palestra exclusiva para os alunos de Administração no auditório Padre José Anchieta. As empresas vinculadas à Incubadora Gênesis participaram do seminário Liderança Compartilhada nas Empresas Emergentes, no auditório do Instituto Gênesis. E, na sala de reuniões do Decanato do CTC, Cohen abordou o tema Montagem e Administração de um Programa de Empreendedorismo para professores e pessoas relacionadas a programas de formação de empreendedores.



Participantes de Conferência Mundial de Incubadoras de Empresas se reúnem em frente à sede do Instituto Gênesis

Empreendedores visitaram Gênesis

Integrar os responsáveis pela criação de projetos inovadores na área de gestão de micro e pequenos negócios foi o objetivo da Conferência Mundial de Incubadoras de Empresas (WCBI), que se realizou de 23 a 26 de outubro no Hotel Sofitel, em Copacabana. No encerramento, 50 dos participantes escolheram visitar a Incubadora Gênesis da PUC-Rio, que destaca a universidade entre as que desenvolvem projetos empreendedores.

Na avaliação do professor José Alberto Aranha, diretor do Instituto Gênesis, esse tipo de integração é importante para a troca de informações e para a melhoria contínua do sistema adotado pela universidade. "A imagem da PUC é de uma instituição pioneira, de destaque, e, por isso, tem a obrigação de receber as pessoas que querem conhecer o nosso trabalho — assinalou Aranha, comentando a visita do dia 26.

Eleita Melhor Incubadora de Empresas do ano 2000 pela Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos

de Tecnologias Avançadas (Anprotec), que organiza a WCBI, a Incubadora da PUC-Rio representou a Universidade na conferência. José Alberto Aranha, o Coordenador de Empreendedorismo, César Simões Salim, e a professora Sandra Korman Dib participaram do encontro, que reuniu 20 palestrantes e 119 expositores de todo o mundo.

Aranha deu as boas-vindas aos visitantes, iniciando a programação do encontro com a apresentação do funcionamento do Instituto Gênesis, no auditório Leme B da PUC-Rio.

Rafael Zaremba, professor da disciplina Comportamento e Atitude do Empreendedor, explicou o Programa de Formação de Empreendedores da PUC-Rio. Segundo ele, "o diferencial do curso é a possibilidade que o aluno tem de mudar de atitude".

Viviane Villaverde, presidente da Empresa Júnior, deu continuidade às palestras. Ela explicitou as seis áreas da atuação da primeira empresa júnior multidisciplinar do país, que, segundo ela, "oferece a oportunidade de gerenciar er-

ros e de desenvolver uma postura profissional."

A quarta palestra foi apresentada pelo Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas, José Antônio Pimenta-Bueno, que abordou o tema gerenciamento de recursos. "A lógica do capital de risco é transformar um bezerro num boi gordo num prazo curto de tempo", brincou.

Em seguida, Lygia Magacho, responsável pela Unidade de Novos Negócios do Instituto Gênesis, apresentou as empresas residentes e o processo de seleção dos projetos. E Alessandra Simões, responsável pela Unidade de Qualidade do Instituto Gênesis, enfocou o modelo de Gestão da Incubadora.

Um passeio pela PUC finalizou o encontro. Os visitantes ficaram impressionados com a beleza natural do campus. O roteiro incluiu observação da bela vista da Gávea da varanda do Decanato do CTC, passeio pelo bosque, pelos pilotis e se encerrou na Incubadora Gênesis, onde José Alberto Aranha esclareceu as últimas dúvidas dos convidados.

Estudantes franceses são recebidos em solenidade

Ter um diploma francês e outro brasileiro pode ser uma boa oportunidade de se firmar no mercado de trabalho. Foi pensando nisso que Jérôme Devillers, Eric Nguyen, Hubert Perrez, Nicolas Vindrios e François Boclé decidiram participar do programa de Dupla Diplomação, que é o resultado de um convênio entre a PUC e as Écoles Centrales

vesse também um bom nível de estudo — conta Jérôme, que está cursando engenharia elétrica com ênfase em telecomunicações.

Para Jérôme, a maior dificuldade enfrentada foi com a língua. Sem saber falar nada de português, ele teve que contar com a ajuda dos novos amigos brasileiros e da família que o hospedava. Já para François, que também está cursando elétrica com ên-

e tenho muitos amigos brasileiros. Tudo isso facilitou a minha vinda — explica François.

A solenidade contou com a participação do vice-decano do CTC, Ney Dumont, do professor Carlos Frederico Palmeira, coordenador do convênio, da professora Rosa Mariana, coordenadora do intercâmbio internacional, e do professor Marcos da Silveira, do Departamento de Engenharia

Jorge Paulo



Alunos que participam do convênio: Eric Nguyen, François Boclé, Jérôme Devillers, Nicolas Vindrios e Hubert Perrez

anos na outra e obterem os dois diplomas é o objetivo do convênio. Em busca não só de uma formação mais completa, mas também de conhecer uma nova cultura, chegaram à PUC, no semestre passado, Jérôme e Eric. Em julho, se uniram a eles François, Nicolas e Hubert.

— Eu queria sair para um país muito diferente do meu e que ti-

fase em telecomunicações, a língua foi mais um fator que o fez escolher o Brasil para estudar.

— Sempre quis ter uma experiência no exterior e a minha escolha pelo Brasil foi baseada não só na qualidade do estudo daqui, mas no fato de que eu já falava um pouco de português. Já tinha visitado o país duas vezes

Elétrica. Entre brindes e breves discursos, os responsáveis pela parceria comemoravam a realização da primeira parte do convênio, que consistiu em enviar os alunos brasileiros e receber os franceses. Agora, eles esperam os resultados.

— As expectativas são grandes, até porque esse intercâmbio envolve também empresas instaladas aqui e lá, que têm interesse em oferecer estágio para esses alunos. Ter um profissional que estudou nos dois países, ou seja, que conhece as duas culturas e tem mais experiência, é muito bom para essas empresas — assinala o professor Carlos Frederico Palmeira.

O surrealismo que foi e ficou

Crianças e especialistas revelam suas impressões sobre exposição vanguardista

Reprodução

Depois de pouco mais de dois meses, a exposição Surrealismo levou mais de 600 mil pessoas ao Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), atraídas em parte pela forte publicidade sobre a mostra, em parte pelo apelo e curiosidade causados ao se falar em sonho, inconsciente e crítica ao racional, elementos geralmente associados à arte surrealista.

Em meio à fila de "curiosos", pôde-se ver numerosos grupos de crianças levadas por escolas,

muitas vezes sem nunca ter ouvido falar em surrealismo. Era o caso dos alunos da Escola Pública Cemba, de Parati, que formou uma excursão especialmente para a exposição no CCBB. Entre os estudantes que quiseram ir à mostra e puderam pagar R\$ 20, a maioria era das 6ª e 7ª séries e nunca tinha entrado num museu.

Flora Pádua, de 14 anos, estuda em outro colégio de Parati e acompanhava duas amigas do Cemba. Ao contrário das amigas, Flora justifica o porquê de ser a única a já ter ouvido falar de surrealismo no colégio: "É que eu estudo numa escola particular e elas numa pública..."

Mesmo sem saber o que as esperava no CCBB, as crianças diziam que queriam "aprender" algo que poderia servir para seu futuro de alguma forma, apesar de não sabermos bem que forma seria essa. Picasso era o único conhecido entre os alunos, apesar de não ser um nome representativo do surrealismo e aparecer principalmente na sala das influências, do movimento, uma das preferidas da professora Rosângela Ainbinder, de Estética da Comunicação de Massa, do Departamento de Comunicação Social. Ela também gostou muito da sala dedicada à escultora brasileira Maria Martins.

Rosângela concorda com a crítica muito lida e ouvida nos meios de comunicação de que a exposição não trouxe para o Rio as mais importantes obras do surrealismo, como também ocorreu, segundo ela, nas exposições individuais de Salvador Dalí e de Monet no Rio de Janeiro.

Sempre esperamos as obras que vemos nos livros de arte, mas a exposição no CCBB foi de muito valor, com quadros excelentes de René Magritte e de Max Ernst. Mas o Brasil está fora da rota dos grandes eventos culturais, e há ainda uma diferença enorme entre as mostras do Rio e de São Paulo - diz Rosângela, que afirma ter visto uma exposição do surrealismo no Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio, no fim dos anos 70, com as mais importantes obras de Magritte, Dalí e Chagall, este último ausente na mostra do CCBB.

João Masao Kamita, do Departamento de História, coordenador e professor do curso de especialização em História da Arte, acha que a exposição, apesar de muito divulgada, não conseguiu dizer "enfaticamente" o que foi o surrealismo e, como não mostrou o fundamental, tentou suprir essa falta com obras anteriores e representativas da penetração surrealista no Bra-

sil. Assim como Rosângela, Masao gostou da sala dedicada às influências que o movimento recebeu, principalmente das obras de Picasso e de um quadro de Giorgio De Chirico, representante da Escola Metafísica.

- Eu gostei muito de alguns trabalhos individualmente. Havia obras de muito boa qualidade de artistas como Miró, que tem um modo de desenhar que vai contra a busca tradicional de equilíbrio entre partes, simetrias, e por isso, é sempre associado ao desenho infantil. Um dos mais interessantes é René Magritte, que não trabalha na linha do inconsciente, mas com jogos visuais, que eu prefiro ao surrealismo publicitário, que só diz que o movimento se refere ao sonho, ao inconsciente. Acho que esse é o surrealismo menos produtivo e que o movimento vai além disso - diz Masao.

Rosângela e Masao criticam a disposição dispersa das obras na exposição, que, segundo eles, dificultou uma visão mais específica do público de artistas muito importantes do movimento, como Max Ernst, cujos quadros estavam espalhados pela exposição. Isso só fez favorecer os que já entendiam minimamente de arte, prejudicando os leigos, como as crianças, que, muitas vezes, se sentiam perdidas em meio à variedade de quadros e esculturas, cada um com autor diferente, o que confundia mesmo os professores que as acompanhavam.

Apesar dos quadros dispersos, Masao considera que o importante artista surrealista Max Ernst foi quem esteve melhor representado, com obras que mostram bem sua "técnica refinada, com algumas colagens e experimentações", como o *frottage*, técnica em que põe um papel sobre uma superfície porosa para obter, como diz Rosângela, "efeitos visuais".

Apesar de situar a importância do surrealismo na história da arte como um movimento que "tentou mostrar o reverso do racionalismo, que tem sido dominante na cultura ocidental", Masao critica a visão de que a arte surrealista é expressão do inconsciente. Ele dá o exemplo de Miró, cuja pintura, apesar de se aproximar do automatismo que o surrealismo defende, "não poderia ser feita em transe, isso

é um paradoxo para a arte". Se o surrealismo tentava criticar o racional, as crianças do colégio de Parati, que acompanharam a exposição, tentaram, de todos os modos, encontrar explicações para o que viam, preferindo os quadros figurativos e as fotografias.

- O surrealismo também trabalha com uma linguagem tradicional, com figuras, quadros com profundidade e perspectiva, que os modernos de modo geral atravancavam e, talvez por isso, o movimento não tenha tido tanta penetração no Brasil, pois aqui os movimentos abstratos europeus, como o construtivismo, tiveram maior influência - diz Masao.

O professor José Otávio Naves, do Departamento de Psicologia, é psicanalista e concorda sobre a impossibilidade de a arte surrealista ser uma "manifestação pura" do inconsciente:

- Os quadros foram gerados como idéia do inconsciente, e não enquanto exposição dele. O ato criativo pode se aproximar do inconsciente, pois o artista se inventa a si mes-



La silhouette frangée de bleu électrique. Georges Hugnet, 1936

mo no ato, mas o quadro criado não representa o inconsciente - analisa.

Ao contrário de José Otávio, Rosângela considera que o surrealismo foi uma manifestação artística que conseguiu "emergir o inconsciente para a arte".

- O inconsciente é coletivo, ele é um só; a linha de Jung entende que todos participamos do mesmo fundo inconsciente, nossa leitura do mundo é simbólica e o símbolo é a linguagem do inconsciente. E é na arte que esse caráter simbólico se expressa de forma mais evidente.

Suzana Velasco Aluna do 6º Período do Departamento de Comunicação Social



Saudade II. Maria Martins, 1944

Breve histórico do surrealismo

O surrealismo foi uma corrente da vanguarda européia surgida no pós-Primeira Guerra, com manifestações na pintura, escultura, literatura e no cinema europeus, influenciando, posteriormente, a arte do mundo todo. O movimento surgiu após alguns dos integrantes do Dadaísmo, - entre eles Tristan Tzara e o "guru" do movimento, Andre Breton, - terem se desvinculado do Dadaísmo e se unido a Jacques Baron, Max Ernst, Pierre Massot, entre outros, para formar uma nova corrente. O surrealismo pretendia mostrar a arte não como representação, mas como manifestação de imagens oníricas por meio do inconsciente, do automatismo e da livre associação de idéias.

Segundo o *Manifesto Surrealista*, publicado em 1924, o movimento pretendia um "puro automatismo psíquico através do qual se deseja exprimir, verbalmente ou por escrito, a verdadeira função do pensamento".

Entre os nomes mais representativos da arte surrealista estão: René Magritte, Salvador Dalí, Max Ernst, Joan Miró, André Masson, Man Ray e Jean Harp e, no cinema, Luis Buñuel. No Brasil, a influência surrealista se destaca em Tarsila do Amaral, Maria Martins, Ismael Nery e Guignard.

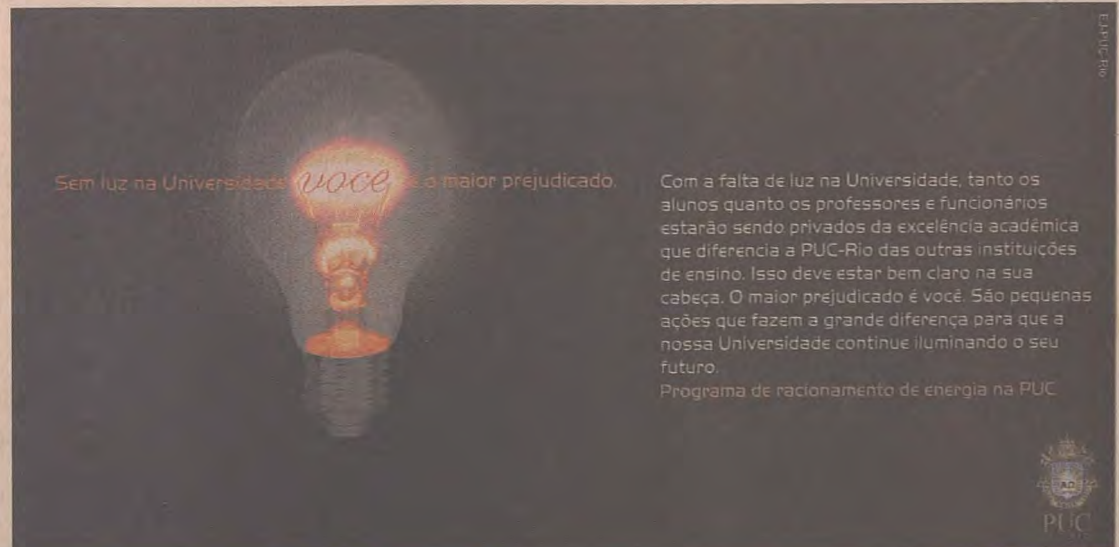


Os surrealistas (1930): Tristan Tzara, Paul Eluard, André Breton, Hans Arp, Dalí, Yves Tanguy, Max Ernest, René Crevel e Man Ray



Reprodução

Reprodução



Dedicação compensada

Lia Wyler comemora o sucesso de suas traduções

Um dos maiores sucessos editoriais dos últimos meses é a série de livros Harry Potter, da escritora inglesa J. K. Rowling. Os quatro volumes já publicados no Brasil estão na lista dos dez mais vendidos no gênero ficção, segundo o jornal O Globo. Mas o sucesso que fazem as aventuras do menino-bruxo, entre os brasileiros, pode ser creditado não apenas ao talento de Rowling, como também à dedicação da tradutora Lia Wyler. Formada em tradução pela PUC-Rio, ela recebeu pelo trabalho nos três primeiros livros da série Harry Potter, o Prêmio Monteiro Lobato do Instituto Internacional do Livro Infantil e Juvenil.

“O bom tradutor tem que ter consciência do quanto ele interfere na cultura do leitor”, explica Lia. Para ela, a tradução requer, além do conhecimento das duas línguas e de uma extensa pesquisa, muita sensibilidade e responsabilidade. No caso de Harry Potter, para utilizar uma linguagem que as crianças brasileiras pudessem entender, Lia, muitas vezes, recorreu a pesquisas e conversas com sua neta, que tem a mesma idade do personagem.

Apesar disso, ela ressalta que não adapta dados culturais: “São pequenos detalhes que podem ser explicados em português e ampliar

Weiler Filho



Lia Wyler fala entusiasmada do seu trabalho como tradutora de livros

o conhecimento do leitor”. Em Harry Potter há um exemplo claro disso: o menino e seus amiguinhos sempre tomam chá, que é um hábito das crianças inglesas. Ao traduzir essas passagens, Lia preferiu não adaptá-las para a realidade das crianças brasileiras, que não costumam tomar chá.

Para adquirir essa sensibilidade, necessária ao trabalho com tradução, Lia acha importante ter uma bagagem cultural ampla. “Tradutor precisa de vivência, de gostar de ler, de pesquisar para não ficar recorrendo ao dicionário o tempo todo”, assinala. Ela lembra que, para traduzir *A fogueira das vaidades*, de Tom Wolfe, precisou dedicar todo o seu conhecimento. Algo parecido ocorreu durante a tradução de *Os eleitos*, do mesmo autor. O livro fala sobre o programa espacial americano, e ela precisou recorrer a contatos na Aeronáutica Brasileira, para decidir sobre o uso de algumas palavras.

Mas ter tanto trabalho pode compensar. A tradução de *O terno do tanto faz como tanto fez*, de Sylvia Plath, rendeu a Lia uma menção honrosa pela tradução. Além disso, *A gatinha siamesa chinesa*, de Amy Tan e Gretchen Schields, também traduzido por ela, está entre os livros mais vendidos da Editora Rocco.

O sorriso, ao falar da carreira bem-sucedida, só se desfaz quando o assunto em questão são os direitos autorais. Lia já foi presidente do Sindicato Nacional dos Tradutores e, depois de muito questionar por que esses profissionais não recebem uma remuneração sobre a tiragem dos livros, concluiu que isso não é viável, porque o tradutor não teria como fiscalizar a venda de um determinado livro. A solução apontada por ela, seria pagar um valor mais alto pela tradução.



Uma das fotos da exposição de Alex Levac, onde aparece o contraste entre as religiões católica e muçulmana

Fotógrafo israelense revela um outro ângulo da guerra

Uma visão peculiar das relações humanas, do cotidiano urbano e da guerra foi apresentada na PUC, no dia 18 de outubro, quando o fotógrafo israelense Alex Levac deu uma palestra e mostrou um pouco do trabalho que faz parte da exposição *Nossa Terra*. A mostra passou por São Paulo, Brasília e, no Rio, foi exposta, de 18 a 31 de outubro, no Palácio Gustavo Capanema.

Com um português fluente, aprendido quando trabalhou como freelancer no Brasil, Alex Levac falou sobre o papel da fotografia, o limite entre a liberdade artística e a privacidade e sobre a situação atual de Israel. Formado em Filosofia e Psicologia pela Universidade de Tel Aviv e em fotografia pelo London College of Printing, o fotógrafo se considera um “antropólogo frustrado” e acha que as fotos devem ter conteúdo sócio-econômico e humano. Isto explica sua predileção por fotos que retratam as pessoas, porém sobre ângulos inusitados. O fotógrafo mostrou também

fotografias de outros profissionais que têm propostas parecidas com as dele. Algumas retratam doentes mentais, outras cenas urbanas, porém todas levam a uma reflexão. Para Alex, a fotografia tem a capacidade de chamar atenção para os fatos já banalizados do cotidiano urbano. A correria das grandes cidades faz com que as pessoas não analisem as fotos, mas segundo ele, uma boa imagem é composta por várias camadas que não são vistas num passar de olhos.

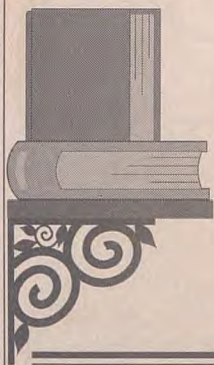
Atualmente trabalhando no jornal Ha'aretz, de Tel Aviv, Levac disse que está cansado do fotojornalismo, pois são sempre os mesmos acontecimentos e não há espaço para a criação, para a arte que ele produz quando faz suas fotos pessoais, andando pelas ruas de Israel. Em suas imagens, ele retrata a indiferença entre as pessoas nas grandes cidades, principalmente em seu país, dividido entre judeus, católicos e muçulmanos.

No entanto, ele não denuncia a violência da guerra com

imagens de corpos dilacerados e pessoas feridas. A própria linha editorial do Ha'aretz não permite a publicação de fotos desse tipo, que chocam as pessoas e provocam rejeição. Levac prefere passar a tensão dos conflitos de uma forma mais refinada, mostrando suas consequências. Ele ressaltou que ninguém suporta mais ver imagens violentas.

Foi justamente a violência que fez com que ele viesse para o Brasil. Depois de ter lutado na Guerra dos Seis Dias, ele resolveu ir para um país longe de Israel. Aqui ele encontrou paisagens únicas e paradisíacas, além de ter descoberto sua vocação.

Em tempos de atentados terroristas e de pânico generalizado, as fotos de Alex Levac destacam um outro lado do cotidiano de cidades que são palco de conflitos, como Jerusalém. O melhor exemplo disso talvez seja a fotografia de um cachorro amarrado a um tanque, segundo ele, a melhor função que essa “massa de concreto” pode ter.



na estante

Livro: “Cantos Malditos” (200 págs.)

Autor: Austregésilo Carrano Bueno

Editora: Rocco

Preço: R\$ 20,00

Livro que serviu como ponto de partida para o roteiro do filme *Bicho de Sete Cabeças*, de Laís Bodanzky, o *Canto dos Malditos*, de Austregésilo Carrano Bueno, traça uma autobiografia de um jovem que é internado pelos pais em um hospício porque o pai tinha achado no bolso da jaqueta um cigarro de maconha. Além de ser um depoimento emocionante de um jovem numa situação limite,

o livro é um alerta e uma denúncia sobre o péssimo sistema de saúde pública do país.

O depoimento procurar expressar os sentimentos do rapaz em relação aos pais, à sociedade e aos hospitais psiquiátricos. Ao registrar suas reações em linguagem coloquial, que ganha traços de oralidade numa linguagem que abusa de períodos curtos e diretos, o autor provoca a adesão do leitor através da empatia.

Além de mostrar as diferenças entre o tratamento oferecido em clínica particular e o praticado em hospital público (“Cara, você tem visto muita televisão. Essa de divã para você deitar e falar, só em filmes ou clínica particular, que são uma verdadeira suíte de hotel cinco estrelas. Aqui você

não passa de uma ficha, e sua entrevista, a consulta com o psiquiatra, você já fez. Foi quando ele visitou o pátio. Aquela foi a sua consulta. O tratamento vem através da ficha.”), o autor conta a forte experiência vivida nos três hospitais pelos quais passou. Relatando o tratamento desumano - os médicos fizeram 21 sessões de eletrochoques aplicados nas têmporas com uma voltagem de 180 a 460 volts até provocar a convulsão do corpo -, o texto propõe a realização de campanhas mais eficientes sobre os diversos efeitos das drogas. O exemplo é contundente: “A gata só tinha as duas presas na boca: a coca já tinha feito cair todos os dentes dela. (...) Ela só tinha dezoito anos. (...) É por aí... Tire uma foto da boca

dela, faça uns outdoors e espalhe pela cidade com letreiros assim: ‘TOME COCAÍNA, ENCOMENDE SUA DENTADURA.’ Esse seria o verdadeiro combate às drogas.”

A primeira edição deste livro é de dez anos atrás e foi vendida de mão em mão, pois a família do doutor Alô Ticolaut Guimarães, citado no livro como um dos médicos de Austregésilo Carrano, fez um pedido de cassação da obra com o apoio da Associação Paranaense de Psiquiatria.

Depois de ganhar na justiça, Austregésilo relança o livro com o depoimento de seu pai. Morto há três anos, Israel Ferreira Bueno explica o porquê de tudo o que fez. Israel só se deu conta do absurdo que era manter seu filho nos hos-

pitais quando Austrý, como era conhecido entre os amigos, quase morreu queimado em um dos cubículos que lhe servia como quarto.

Segundo Austregésilo, um dos motivos de ter levado a sua família ao desespero, a ponto de interná-lo, foi a absoluta ignorância sobre as drogas. A família de Carrano só tinha informação através da imprensa, e na época - 1977 - maconha era considerada uma droga muito maléfica.

A nova edição tem um posfácio explicando o que se passou na vida do autor nesses dez anos em que não vive mais em hospitais. Austregésilo faz um apanhado histórico das Instituições Psiquiátricas, do Movimento da Luta Antimanicomial e explica como

funciona o trabalho substitutivo dos manicômios.

Austregésilo usa a palavra “maldito” para se referir aos loucos crônicos que conviveram com ele no hospital. Com o título, “Canto dos Malditos”, Austrý chama a atenção do leitor para o fato de que, após essa experiência, ele mesmo se tornou um “maldito”. O livro serve, então, como um alerta e como uma denúncia para que se mude o sistema manicomial no Brasil.

Ana Rosa Tendler
Aluna do 5º período
do Departamento de
Comunicação Social

Loucura substituída

Jornalismo e literatura: as duas faces encantadoras das crônicas de João do Rio

Integração dos saberes, proposta de seminário



Utzeri criticou atuação da mídia na 'guerra ao terror'

Para quem acredita que Física e Psicanálise não têm nada em comum, o Pensamento Complexo traz uma questão. Uma boa definição para ele é a da professora do Departamento de Letras Eliana Yunes, uma das organizadoras do seminário *Pensamento Complexo: Política, Ciência e Arte em Debate - Ética em chamadas*.

O Pensamento Complexo procura religar diferentes saberes em uma ótica de diálogo e de trocas, fazendo com que os estudiosos saiam dos seus guetos, explicou.

O seminário ocorreu nos dias 16 e 17 de outubro, no Auditório Padre Anchieta, com uma conferência e duas mesas-redondas por dia. Foi o resultado de uma proposta conjunta do Núcleo de Estudos Transdisciplinares da PUC-Rio, integrado por professores de diversas áreas da universidade, e do Núcleo de Pensamento Complexo do Rio de Janeiro.

No primeiro dia, o tema que norteou as discussões foi a peça *Copenhague*, em cartaz no Rio, que aborda a relação entre dois cientistas, o dinamarquês Nils Bohr e o alemão Werner Heisenberg. Bohr era mestre e amigo de Heisenberg

até que os dois se encontraram em campos opostos, durante a Segunda Guerra Mundial. Os cientistas foram os maiores responsáveis pelo desenvolvimento da mecânica quântica, que possibilitou a construção da bomba atômica.

Segundo o antropólogo Edgard Assis de Carvalho, professor da PUC-SP, eles desafiaram os principais paradigmas da Física clássica, trazendo uma nova visão sobre a fronteira entre o científico e o não científico e sobre a relação entre as coisas no universo.

Já no segundo dia de seminário, o destaque foi a mesa-redonda *Mídia em Pauta*, com a participação do jornalista Fritz Utzeri e do diretor do Departamento de Comunicação da PUC-Rio, Miguel Pereira. Fritz Utzeri falou para uma plateia cheia, composta em sua maioria por estudantes de Comunicação, que participaram ativamente do debate. Ele apresentou um panorama da atuação da mídia no cenário atual e comentou a qualidade dos jornalistas de hoje, que classificou como ruim.

A tônica de sua exposição foi a afirmação de que nenhum

ma inovação tecnológica substitui o trabalho de um repórter. O jornalista também expressou sua opinião sobre a cobertura da mídia ocidental em relação à chamada "guerra ao terror". Ele criticou a "videogamização" da televisão, que "transforma um bombardeio em um pontinho verde no escuro".

Os enfoques variaram, mas o atentado terrorista sofrido pelos EUA foi um assunto recorrente em todas as exposições do seminário. Esse último dia foi fechado com a mesa-redonda *Ética em cena*, na qual profissionais da área de psicologia discutiram as diversas éticas contemporâneas. O aspecto em comum em seus discursos foi a constatação do desamparo do ser humano frente à ausência de parâmetros nos dias de hoje.

No entanto, a revelação mais surpreendente para a plateia foi a afirmação do antropólogo Edgard de Carvalho. "A palavra complexidade não significa dificuldade, como as pessoas pensam, e sim um ato de religar as coisas, de pensá-las como um todo", esclareceu. Como a Física e a Psicanálise.



Edgard de Carvalho: complexidade não é dificuldade

Linguagens

XI Congresso da Assel enfoca intercâmbio lingüístico

Com o tema "Linguagens", o XI Congresso da Associação dos Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro (Assel-Rio), conseguiu trazer, ao campus da PUC, a pluralidade que o seu título enfatiza. Realizado nos dias 9, 10 e 11 de outubro, o encontro agrupou as mais variadas linguagens. Desde as evidenciadas pelo encontro de pesquisadores de diferentes estados até as encontradas nas centenas de trabalhos apresentados.

Os mais de duzentos acadêmicos de universidades do Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo mostraram um material rico e diversificado que destacou o crescente intercâmbio entre as linguagens presentes na sociedade. Presidido atualmente pela professora Maria Carmelita Dias, do Departamento de Letras, o congresso abriu espaço para apresentações variadas.

Entre os conferencistas, houve quem apontasse mudanças nos cursos de Letras para

modificar o ensino de português e quem comentasse a influência da imprensa escrita nos textos escolares. A entoação do português em diferentes regiões do Brasil também foi apresentada e os participantes puderam ainda assistir a um debate sobre os críticos literários Roberto Schwartz e Antônio Cândido. Trabalhos curiosos, mas não menos sérios, também tiveram vez no encontro. Os papéis de bala de chupar com mensagens serviram de base para a análise de discursos sobre o amor e a solidão. E até um desenho animado foi tema do trabalho *O fantástico mundo de Bob: uma abordagem didática de um desenho não didático*.

A programação geral do congresso foi dividida em mesas-redondas, conferências e sessões, como as de jovens pesquisadores. Numa das apresentações de comunicação sobre literatura e outras artes, Henriqueta Valladares, da UFRJ, deu um exemplo da influência

que uma linguagem pode ter sobre outras. Ao comparar o livro e o filme *O enigma de Kaspar Hauser*, que contam a história verídica de um menino abandonado que viveu no porão de uma casa por vários anos e acabou assassinado, ela apontou um elemento comum no trabalho dos criadores.

O escritor, que investigou os autos policiais do caso, na época, teve que fazer uma adaptação do discurso técnico para o literário, enquanto o cineasta teve, anos depois, que adaptar o livro à linguagem do cinema.

O diretor do filme encontrou no livro passagens inteiras que poderiam ser divididas em planos cinematográficos. Vários elementos do livro são colocados sob a perspectiva do olhar — Kaspar viu, fixou seu olhar, etc. —, o que é ideal para a adaptação para o cinema, explicou a professora, mostrando que, por mais diferentes que sejam, duas ou mais linguagens podem dialogar entre si.

Saudades de Sherazade

Encontro discutiu o papel da narrativa no século XXI

Como todas as esposas do sultão persa Shariar, Sherazade deveria ser morta na manhã seguinte à sua noite de núpcias. Para salvar sua vida, a personagem narradora de *As mil e uma noites* começa a contar uma série encadeada de contos que desperta a curiosidade do sultão de ouvir, a cada dia, uma parte da história. Assim, Sherazade é poupada da morte devido ao suspense que criava com sua narrativa. Aproveitando o ícone da personagem, a Cátedra Padre Antônio Vieira de Estudos Portugueses promoveu o seminário *A situação da narrativa no início do século XXI - Saudades de Sherazade?*.

Entre os dias 22 e 24 de outubro, professores de diversas universidades como as federais do Rio de Janeiro, da Bahia e a Universidade do Porto estiveram na PUC discutindo o papel da narrativa no mundo contemporâneo. O caráter transdisciplinar do seminário fez com que o tema fosse analisado com óticas diferentes. As palestras variaram de assuntos ligados diretamente à Literatura Portuguesa a relações entre a narrativa dos fatos ocorridos

em 11 de setembro e a de Sherazade.

Quais limites a linguagem impõe quando se fala de algo que está além da linguagem, como o horror, a violência? — questionava Renato Cordeiro Gomes, professor do Departamento de Letras e de Comunicação, que apresentou a palestra intitulada *Deslocamentos - uma proposta para a narrativa deste milênio?*, que encerrou o seminário.

A coordenadora da Cátedra, Izabel Margato, discorrendo sobre *Narrar para viver, seduzir e desencantar*, colocou questões sobre o que é narrar de verdade hoje. A partir da comparação de narrativas com quadros, Izabel apontou leitores como "curadores" e destacou o caráter de detetive que se deve ter diante de uma obra literária.

Analisei o romance *O Delfim*, de José Cardoso Pires, que tem uma narrativa difícil por ser escrito de forma linear. No entanto, ele causa no lei-



Da direita para a esquerda, Izabel Margato, Cleonice Berardinelli, Paulo Franchetti e Renato Cordeiro Gomes

tor uma busca de sentido que considero característica do que é narrar devidamente hoje — diz Izabel.

Os resultados das pesquisas expostas no seminário são publicados na revista *Semear*, da Cátedra Padre Antônio Vieira. O lançamento da quinta edição ocorreu, encerrando o encontro, no dia 24 de outubro, no Auditório Padre José de Anchieta, no campus da PUC.

Livro reúne reflexões sobre Hannah Arendt

Em junho do ano passado, a PUC-Rio sediou o colóquio Hannah Arendt — 25 Anos Depois, organizado pelos departamentos de Filosofia e História da PUC e da UFMG e que reuniu filósofos, historiadores e cientistas políticos de diversas universidades brasileiras para debater a obra da pensadora alemã. Um ano depois, a Editora UFMG publicou o livro *Hannah Arendt - Diálogos, reflexões, memórias*, organizado pelos professores Eduardo Jardim de Moraes, do Departamento de Filosofia da PUC-Rio, e Newton Bignotto, da UFMG.

O livro agrupa os textos apresentados no seminário, muitos fazendo relações entre Arendt e outros autores, como Benjamin, Tocqueville, Heidegger e até Guimarães Rosa. Segundo Eduardo, a ideia da publicação do livro surgiu depois da repercussão do seminário, cuja conferência de abertura foi de Celso Lafer, ex-aluno de Hannah Arendt, que fez um histórico da recepção da obra da pensadora no Brasil. Para Eduardo, a alteração do contexto político e intelectual nos últimos quinze anos possibilitou uma visão mais ampla da obra da autora:

O pensamento dela ficou muito isolado no período do fim dos anos 70 e início dos 80, momento em que o Lafer teve a iniciativa de publicar algumas de suas obras no Brasil. Era um outro ambiente cultural e político, ainda muito marcado por uma oposição entre direita e esquerda, mas nem a Hannah Arendt convinha à direita, nem interessava à esquerda levantar as questões muito libertárias que ela tinha. Durante esse período, fo-

ram traduzidos sobretudo textos de teoria política da autora, como *Entre o Passado e o Futuro* e *Crises da República*. Houve ainda a tradução de *A Condição Humana*, que, para Eduardo, "talvez seja seu livro mais central". Mas foi no fim dos anos 80, com a mudança do contexto político de forte oposição direita/esquerda, que os filósofos começaram a ser mais atraídos pela obra de Arendt. Foi nesse momento que *A Vida do Espírito* foi publicado, o livro mais filosófico da autora, segundo Eduardo.

Além dos historiadores e cientistas políticos, os filósofos passaram a ter interesse no pensamento da Hannah Arendt, e é essa variedade que se vê no livro — diz Eduardo, que também é autor de um dos textos, *Hannah Arendt - filosofia e política*, que pretende, segundo ele, avaliar os modos de se considerar a relação entre filosofia e política ao longo da história da filosofia, além de apresentar o ponto de vista de Arendt sobre o tema da relação entre pensamento e ação, central nos debates do ano passado.

Eduardo conta que foi perguntado pelo *Jornal do Brasil*, logo após os atentados terroristas nos EUA, sobre que livros as pessoas deveriam ler nessa situação, mas que o momento é tão novo que não há teoria para pensá-lo;

Olhei para a minha estante e não tinha nada. Fui buscar a Hannah Arendt e acho que ela ajuda, mas não do ponto de vista do conteúdo da sua obra, e sim da postura que ela tem de dar atenção para a novidade no âmbito político. Ela entende que deve-se estar sempre questionando o saber adquirido, para poder se abrir à compreensão de uma realidade nova. Seus livros estão muito situados no contexto de Guerra Fria, um período de mais fácil compreensão — diz Eduardo.

No momento, Eduardo está selecionando a correspondência entre Hannah Arendt e Jaspers, que foi seu professor. Ele já escreveu a apresentação de vários livros editados pela Relume Dumará, como *A Vida do espírito*, além de resenhas, artigos, e orelhas de vários livros para divulgar as publicações.



Segundo Eduardo Jardim, um dos objetivos do livro é discutir a relação entre filosofia e política